
Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de importação e de produção lusitana

JOÃO PIMENTA
EURICO DE SEPÚLVEDA
JOÃO CARLOS FARIA
MARISOL FERREIRA

R E S U M O

Os autores apresentam, no presente trabalho, um conjunto de ânforas (NMI de 31, num total de 44 fragmentos) encontradas durante os trabalhos de instalação de candeeiros destinados à iluminação pública efectuados na rua que corta a encosta em duas partes, situada no lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal. Foram identificadas, entre os vários fragmentos de bocais, asa e bicos fundeiros, ânforas de origem bética e lusitana.

A B S T R A C T

This paper is concerned with the Roman amphorae excavated in the Roman town of Alcácer do Sal located along the Sado River. A set of 44 sherds were studied (MNI of 31 units). Productions from the ceramic kilns located within the Roman provinces of *Baetica* and *Lusitania* were found and a further statistical survey took place.

Cerca de três anos após a publicação do nosso terceiro trabalho sobre o espólio da escavação de emergência levado a cabo na encosta do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, em 1996, que visou o estudo das cerâmicas de paredes finas, das de pasta depurada, das ditas de engobe vermelho pompeiano e das lucernas (Sepúlveda et al., 2003) reassumimos, com este nosso novo artigo, a apresentação de mais um conjunto dos restantes elementos cerâmicos encontrados durante a referida intervenção.

Apenas visamos, desta vez, os contentores cerâmicos do tipo ânfora, visto que as grandes talhas (*dolia*), se encontrarem ausentes do conjunto de materiais que foram recolhidos nessa altura, por razões que nos são, até ao momento, desconhecidas.

Ficarão em falta os almofarizes, os vários tipos de pesos de tear e os cossoiros, que esperamos publicar ainda durante este ano, terminando, assim, os estudos que fizemos de um modo faseado e que considerámos necessários para se compreender e alertar da necessidade de uma interpretação global do verdadeiro “tell” que representa toda a encosta virada a poente do castelo de Alcácer do Sal, incluída nela a zona que ultrapassa mesmo o limite da própria estrada/via, e prolongando-se, portanto até ao pequeno vale que lhe fica contíguo.

Na elaboração deste nosso trabalho tivemos como preocupação fundamental, em virtude das características da colecção — bocais, bicos fundeiros e asas —, o de estruturá-lo para que pudéssemos privilegiar os centros de produção de onde foram originados e distribuídos.

Assim, iremos apresentar, para além da caracterização morfológica do próprio conjunto, dois grandes grupos de ânforas, que consideramos pertencer, quer às produções com origem no sul da Bética — região gaditana —, quer às produções lusitanas, das regiões do Vale do Tejo e do Sado, não esquecendo a possibilidade, de algumas delas poderem ser filiadas nas produções do centro oleiro do Morraçal da Ajuda - Peniche (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, no prelo).

Pensamos que somente através de futuras análises às pastas, que os fragmentos da colecção apresentam, teremos oportunidade de obter uma solução para esta hipótese da qual iremos falar ao longo do nosso estudo.

Por sua vez, o grupo das ânforas lusitanas irá ser, também, dividido em dois subconjuntos, que obedecem a critérios específicos, os quais se irão basear, fundamentalmente, na forma.

O primeiro foi criado de acordo com as novas tendências da investigação a qual se debruça sobre as formas que apresentam certos destes contentores cerâmicos produzidos na *Lusitania* e que são considerados de diacronia alta. Trata-se de um tipo de ânforas de características muito peculiares, as quais se revelam, principalmente, pelo perfil ovóide do seu corpo — as “ânforas ovóides”.

Ao segundo, irão pertencer bordos e bicos fundeiros que se enquadram no tipo Dressel 14, também de produção lusitana.

Não terminaremos sem reflectir sobre aquilo que, até ao momento, se poderá inferir do cruzamento do nosso trabalho com os de Carlos Tavares da Silva e de um dos signatários (J.C.F.) em que apresentaram dados relacionados com as ânforas exumadas na área vizinha à encosta do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal.



Fig. 1 Mapa do local da intervenção do lado ocidental do Castelo.

Análise do conjunto

Entre o espólio de época romana recolhido na encosta ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, as ânforas constituem (tendo em conta a área intervencionada) um grupo muito numeroso. Com efeito exumaram-se quarenta e quatro fragmentos classificáveis, correspondendo a um número mínimo de trinta e uma ânforas.

À exceção de três contentores importados da vizinha província da *Baetica*, o presente conjunto é constituído por produções lusitanas. Entre estas destaca-se um conjunto significativo de exemplares de difícil classificação, uma vez que apresentam morfologias distintas dos modelos habitualmente enquadrados nos tipos produzidos no território actual português. Estas ânforas colocam algumas questões, que nos parece pertinente discutir, correspondendo às primeiras produções anfóricas, de época romana documentadas para o extremo ocidente peninsular, atestando o seu precoce dinamismo económico em torno do aproveitamento dos recursos piscícolas.

Para uma melhor caracterização dos diversos tipos de ânfora representados e suas distintas proveniências, efectuámos a análise macroscópica dos elementos petrográficos.

Os critérios seguidos na descrição das pastas, observadas com lupa de 15x, tiveram em conta: a cor da pasta e da sua superfície, o seu grau de dureza, a natureza dos seus elementos não plásticos e o tratamento das superfícies. Na descrição das cores utilizámos a designação comum com referência ao respectivo número do código Munsell Soil Color Charts (1998).

Importações béticas

Embora não muito abundante, a importação de produtos alimentares em ânforas béticas, encontra-se atestada no presente conjunto. Os exemplares que podemos analisar correspondem a dois bocais uma asa e dois fundos.

O bocal n.º 1 poderá corresponder, ainda que com algumas reservas, ao tipo Dressel 12 (Classe 14, Peacock e Williams, 1987). Este tipo corresponde a um contentor de preparados de peixe da baía gaditana cuja produção parece centrar-se na segunda metade do século I a.C. até meados do I d.C. (García Vargas, 2000). A análise macroscópica da pasta parece indicar uma produção do médio vale do Guadalquivir.

O fragmento n.º 2, embora tenha colocado alguns problemas de classificação, corresponde a um bocal de uma ânfora Gauloise 5 (Classe 30, Peacock e Williams, 1987) de produção sul peninsular, possivelmente do vale do Guadalquivir. A produção de ânforas de fundo plano de proveniência bética tem sido até há bem pouco tempo pouco valorizada. O recente trabalho de Rui Morais sobre as ânforas de tipo *urceus* (Morais, no prelo) identificou a importação destes contentores na cidade de *Bracara Augusta*, no Aljube (Porto), Monte Castelo (Matosinhos), no Castro de Vigo (Galiza), assim como no Castelo da Lousa (Mourão). A cronologia dos protótipos gauleses destes contentores é relativamente lata enquadrada entre a primeira metade do século I d.C. e o século III d. C. (Peacock e Williams, 1987). Os recentes dados contextuais de centros de consumo no território português (Morais, no prelo), permitem recuar a importação dos modelos béticos destas produções a finais do século I a.C., tendo o auge da sua circulação entre o período de Augusto a finais de Tibério/inícios de Cláudio.

As ânforas do tipo Haltern 70 (Classe 15, Peacock e Williams, 1987) encontram-se presentes no conjunto em estudo por um fragmento de fundo cónico, evidenciando um grafito efectuado *ante cocturam* na sua superfície externa. Os grafitos sobre os fundos desta forma são relativamente

comuns, sendo relativamente consensual a sua atribuição ao processo produtivo destes contentores (Arruda e Almeida, 2000; Morais, 2004).

As ânforas oleícolas Dressel 20, que já se encontravam bem atestadas na Alcáçova de Alcácer do Sal (Silva et al., 1980-1981), estão representadas no presente conjunto por um fragmento de fundo e por uma asa de secção ovóide. O fragmento de asa em análise apresenta a marca **M.A.R.** impressa em cartela rectangular (*CIL* VII 72a; Callender 1019; Funari 17d). Esta marca conhece diversas variantes, com diferentes proveniências na área do Guadalquivir, nas *figlinae* de La Catria, Las Delicias e El Castillejo (Fabião, 1993-1994). A análise da sua dispersão no território da Lusitânia, começa a apresentar uma inusitada difusão ainda de contornos pouco claros, encontrando-se igualmente presente no Vale do Tejo em Lisboa (Fabião, 1993-1994) e na *villa* romana, dita de Cardílio (Torres Novas) (Alarcão e Alarcão, 1966-1967; revista por Diogo e Monteiro, 1999).

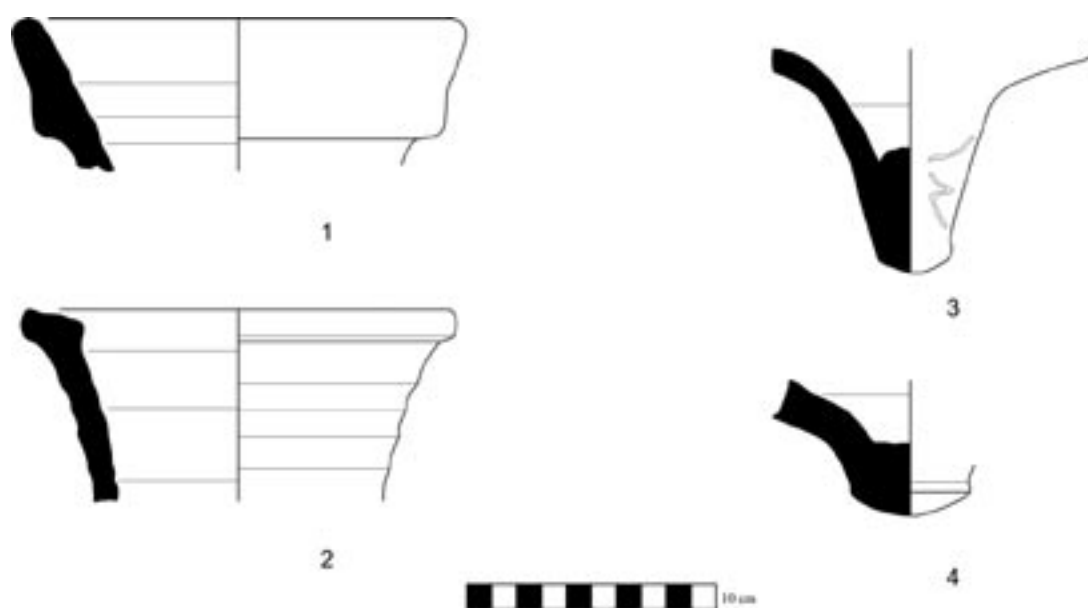


Fig. 2 Ânforas béticas.

Catálogo:

1 - N.º de Inv. LOCAS 134/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora Dressel 12. Lábio de perfil triangular extrovertido. Diâmetro externo de 17 cm. Pasta dura e compacta. Com abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. Tom cinzento claro (10 YR 7/1). Superfície externa alisada, do tom da pasta, apresentando vestígios de exposição ao fogo. Fig. 2, n.º 1.

2 - N.º de Inv. LOCAS 176/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora Gauloise 5. Lábio de perfil quadrangular aplanado. Colo tronco cónico curto marcado por caneluras. Diâmetro externo de 16,8 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos. Tom rosa (5 YR 7/4), apresentando um cerne acinzentado junto ao bordo (10 YR 7/1). A superfície externa evidencia uma aguada de tom bege (10 YR 8/3). Fig. 2, n.º 2.

3 - N.º de Inv. LOCAS 135/96

Fragmento de fundo, com arranque de bojo ovóide de ânfora Haltern 70. Fundo cónico meio maciço terminando em base arredondada formando uma pequena glande. Apresenta um grafito gravado *ante cocturam* na sua superfície externa. Pasta similar ao exemplar anterior. Ainda que com elementos não plásticos de maior dimensão bem distribuídos. Tom rosa (5 YR 7/4). A superfície externa evidencia uma aguada de tom bege (7.5 YR 8/4). Fig. 2, n.º 3.

4 - N.º de Inv. LOCAS 133/96

Fragmento de fundo, com arranque de bojo ovóide de ânfora Dressel 20. Fundo tronco cónico maciço terminando em base arredondada formando uma glande. Pasta compacta, rugosa e bem depurada. Os elementos não plásticos são escassos de pequena dimensão e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?) e escassos elementos de cerâmica moída. Tom cinzento (10 YR 7/1). A superfície externa evidencia uma aguada de tom bege-rosado (7.5 YR 7/3). Fig. 2, n.º 4.

5 - N.º de Inv. LOCAS 139/96

Fragmento de asa com arranque de colo de ânfora Dressel 20. Apresenta vestígios de um colo curto de onde arrancam uma asa compacta de secção ovóide. A forma como ela arranca do colo permite sugerir para a mesma uma datação de Cláudio-Nero (Carreiras e Funari, 1998). Pasta compacta e rugosa. Os elementos não plásticos são escassos de pequena dimensão e bem distribuídos. Constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos. Tom castanho rosado (7.5 YR 7/3). A superfície externa apresenta-se alisada, do tom da pasta. Fig. 3, n.º 5 e Fig. 4.



Fig. 3 Asa de ânfora oleícola Dressel 20.



Fig. 4 Fotografia da marca M.A.R.

As ânforas lusitanas

Como já tivemos oportunidade de referir as produções lusitanas dominam no conjunto em estudo, sobressaindo entre estas uma série de ânforas que colocam alguns problemas na sua classificação. Trata-se de um conjunto de fragmentos de bocais emoldurados e fundos que, pelas suas características formais, se aproximam das primeiras produções de ânforas da *Baetica*, principalmente das Haltern 70 e do universo das Dressel 7/11.

Estas ânforas correspondem às mais antigas produções atestadas para as olarias lusitanas remontando ao período julio-claudiano (Fabião, 2004), ou mesmo a meados da segunda metade do século I a.C. (Morais, 2005). Os melhores paralelos para o presente conjunto encontramos-os precisamente no Vale do Sado, em Abul em contextos augusto-tiberianos (Mayet e Silva, 2002), no Largo da Misericórdia em Setúbal, datados de Tibério-Claudio (Silva, 1996) e mesmo na fase mais antiga dos fornos do Pinheiro (Mayet e Silva, 1998, p. 62) de meados do século I d.C.

Numa primeira fase o desconhecimento acerca destas primeiras produções levou a que estas fossem englobadas dentro da forma Dressel 14 ainda que numa primeira variante (A), face a sua inegável antiguidade (Mayet e Silva, 1998, 2002). Esta classificação apresenta-se redutora, face ao multiplicar de recentes descobertas, quer em centros de produção (Cardoso e Rodrigues, 2002), quer em centros de consumo (Morais, 2005; Arruda, Viegas e Bargão, no prelo), atestando o precoce fenómeno de comercialização dos preparados piscícolas em ânforas, que parece ter antecedido em algumas décadas o típico modelo que irá caracterizar por mais de duzentos anos as olarias lusitanas.

Coloca-se aqui então um problema de classificação tipológica, como chamar a estes primeiros modelos que se aproximam claramente dos protótipos da *Baetica*? O carácter abrangente da forma Lusitana 12 proposto por Dias Diogo (1987) ou das Beltrán I/Dressel 7/11 (Cardoso, 1990), leva-nos a ponderar, na esteira do recente trabalho sobre as ânforas da Alcáçova de Santarém (Arruda et al., no prelo), por não incluir nas Dressel 14 variante A, bordos e fundos, cuja afinidade formal com as Haltern 70 ou com as Dressel 7/11 é bastante evidente.

A recente proposta de Rui Morais (Morais, 2005) e de Carlos Fabião (Morais e Fabião, no prelo), de podermos estar perante uma precoce produção de “ânforas ovóides”, similares às produzidas na baía gaditana durante este período, apresenta-se particularmente interessante e face aos presentes dados, assaz operativa. Entenda-se, o facto de estarmos a lidar com material muito fragmentado, e na sua maioria bocais, o que limita à partida a leitura da evolução do corpo do recipiente¹. Recorde-se que estas produções ovóides apresentam uma grande variedade de perfis de bocais. Perante esta limitação, e até dispormos de mais exemplares completos que permitam definir as primeiras produções lusitanas, parece-nos mais seguro manter em aberto a classificação.

Face ao acima exposto, optámos por individualizar estes contentores como “ânforas ovóides”, mantendo por uma questão de coerência, na apresentação a distinção entre os diferentes grupos de bocais, que podemos individualizar e que remetem directamente para o universo das produções béticas alto imperiais (García Vargas, 2000; Cerdá, 2000).

Identificámos 22 bocais emoldurados e três fundos que incluímos dentro deste grupo. A análise macroscópica das pastas dos exemplares em estudo, permitiu definir um único grupo de fabrico, que identificamos com a pasta Sado-montante das ânforas do Vale do Sado (Mayet, Schmitt e Silva, 1996, p. 163). Caracteriza-se por uma pasta compacta e pouco depurada. A cor varia entre o vermelho-claro (5 YR 6/6) e o castanho-avermelhado (10 YR 5/4). Os elementos não plásticos são abundantes, constituídos por quartzos de dimensões variáveis predominantemente rolados ou sub-rolados, algumas inclusões negras, escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. As paredes apresentam-se alisadas, do tom da pasta, ou com uma leve aguada de tom castanho-acinzentado.

Catálogo:

6 - *N.º de Inv. LOCAS 142/96*

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular marcado por uma canelura bem evidenciada. Diâmetro externo de 17,6 cm. Colo troncocónico com vestígios de arranque de asa. Pasta dura e pouco depurada. Com abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos rolados algumas inclusões negras, escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos. Tom vermelho-claro (5 YR 6/6). Superfície alisada, do tom da pasta (5 YR 6/4). Fig. 5, n.º 6.

7 - *N.º de Inv. LOCAS 144/96*

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular marcado por uma canelura. Diâmetro externo de 17,2 cm. Pasta de características idênticas à anterior. Tom castanho-claro (10 YR 5/4). Superfície alisada, do tom da pasta (10 YR 6/3). Fig. 5, n.º 7.

8 - *N.º de Inv. LOCAS 145/96*

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular. Diâmetro externo de 17,5 cm. Pasta de características idênticas à anterior. Tom vermelho-claro (5 YR 6/6). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 6/3). Fig. 5, n.º 8.

9 - *N.º de Inv. LOCAS 146/96*

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular. Diâmetro externo de 15,2 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (5 YR 6/6). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 6/6). Fig. 5, n.º 9.

10 - *N.º de Inv. LOCAS 138/96*

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular marcado por uma profunda depressão. Diâmetro externo de 15,2 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (5 YR 6/8). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 6/6). Fig. 5, n.º 10.

11 - *N.º de Inv. LOCAS 134/96*

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular marcado por uma canelura bem evidenciada que marca a transição para o colo. Diâmetro externo de 16,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-claro (10 YR 6/4). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 7/4). Fig. 5, n.º 11.

12 - *N.º de Inv. LOCAS 149/96*

Fragmento de bordo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil triangular. Apresenta um ressalto bem destacado no início do colo. Diâmetro externo de 16,2 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (5 YR 5/6). Superfície alisada do tom da pasta (7.5 YR 6/3). Este bordo apresenta paralelos muito próximos nos materiais publicados da zona luso-galaica (Morais, 2005, p. 37, Fig. 33, n.ºs 11 e 13). Fig. 5, n.º 12.

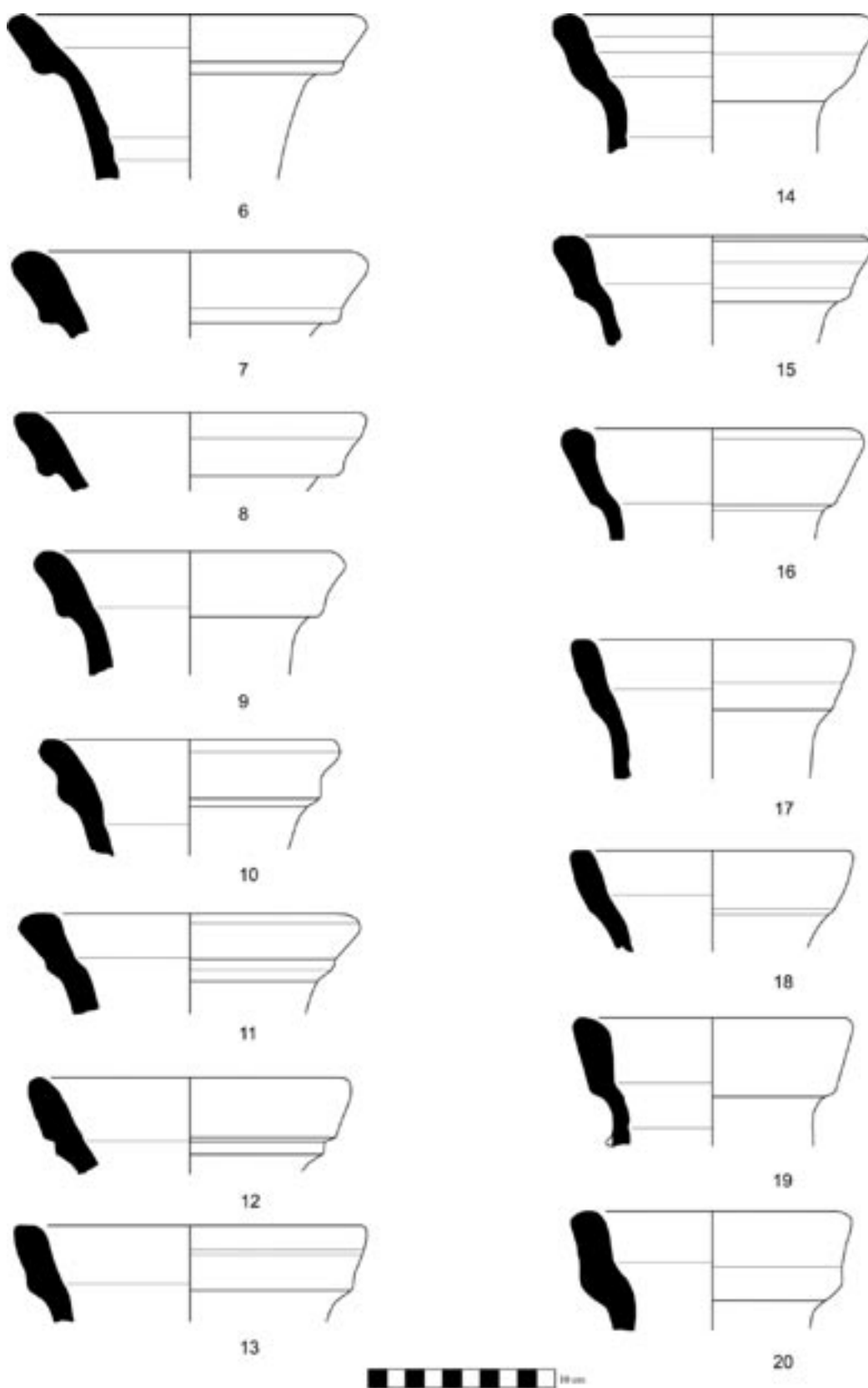


Fig. 5 Ânforas lusitanas.

13 - N.º de Inv. LOCAS 172/96

Fragmento de bordo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular marcado por duas finas caneluras com vestígios do arranque de asa. Diâmetro externo de 18 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (5 YR 6/6). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 6/3). Fig. 5, n.º 13.

14 - N.º de Inv. LOCAS 168/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular marcado por uma depressão. Diâmetro externo de 15,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (7.5 YR 5/4). Superfície alisada, do tom da pasta (5 YR 6/4). Fig. 5, n.º 14.

15 - N.º de Inv. LOCAS 141/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular marcado por duas caneluras. Diâmetro externo de 15,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-amarelado (2.5 YR 6/8). Superfície apresenta uma aguada de tom castanho-acinzentado (7.5 YR 5/2). Fig. 5, n.º 15.

16 - N.º de Inv. LOCAS 169/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular com espessamento interno. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (7.5 YR 6/4). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 7/4). Fig. 5, n.º 16.

17 - N.º de Inv. LOCAS 167/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo cilíndrico de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular marcado por uma leve depressão. Diâmetro externo de 14,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (2.5 YR 6/8). Superfície alisada, do tom da pasta (5 YR 6/6). Fig. 5, n.º 17.

18 - N.º de Inv. LOCAS 174/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo troncocónico de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil arredondado. Diâmetro externo de 14,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-claro (10 YR 6/4). Superfície alisada, do tom da pasta (10 YR 7/4). Fig. 5, n.º 18.

19 - N.º de Inv. LOCAS 171/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo cilíndrico de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular com espessamento interno. Colo cilíndrico com restos de arranque de asa logo a seguir ao bordo. Diâmetro externo de 14 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-claro (10 YR 6/4). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 6/4). Fig. 5, n.º 19.

20 - N.º de Inv. LOCAS 173/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo cilíndrico de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular com canelura a marcar o arranque do colo cilíndrico. Diâmetro

externo de 13,6 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-claro (10 YR 6/4). Superfície alisada, do tom da pasta (7.5 YR 6/4). Este bordo apresenta-se muito próximo do bocal de uma ânfora completa encontrada no Rio Tejo (Quaresma, 2005, p. 419, Est. 14). Fig. 5, n.º 20.

21 - N.º de Inv. LOCAS 136/96

Fragmento de bordo, com arranque de asa de ânfora ovóide lusitana. Lábio de perfil quadrangular marcado por duas caneluras. Diâmetro externo de 15 cm. Colo troncocónico curto evidenciando um corpo ovóide. A asa arranca sob o bordo apresentando secção ovóide com um leve sulco longitudinal. Pasta de características idênticas à anterior. Tom castanho-avermelhado (7.5 YR 5/6). Superfície alisada do tom da pasta (10 YR 6/4). Fig. 6, n.º 21.

22 - N.º de Inv. LOCAS 148/96

Fragmento de bordo, com arranque de asa de ânfora ovóide lusitana. Lábio de perfil quadrangular bem marcado. Diâmetro externo de 16,5 cm. Colo troncocónico com arranque de asa sob o bordo, apresentando secção ovóide com depressão longitudinal. Pasta de características idênticas à anterior. Tom castanho-claro (10 YR 6/6). A superfície apresenta uma leve aguada de tom castanho (10 YR 5/3). Este bordo apresenta paralelos muito próximos num bocal de Abul (Mayet e Silva, 2002, p. 50, Fig. 16 - n.º 158). Fig. 6, n.º 22.

23 - N.º de Inv. LOCAS 170/96

Fragmento de bordo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil quadrangular marcado por leves caneluras. Diâmetro externo de 17 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 5/8). Superfície alisada, do tom da pasta (2.5 YR 6/6). Fig. 6, n.º 23.

24 - N.º de Inv. LOCAS 143/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo cilíndrico de ânfora ovóide lusitana. Lábio direito de perfil quadrangular. Diâmetro externo de 16,3 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (5 YR 5/6). Superfície alisada, do tom da pasta (5 YR 6/6). Fig. 6, n.º 24.

25 - N.º de Inv. LOCAS 140/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo cilíndrico de ânfora ovóide lusitana. Lábio de perfil quadrangular marcado por uma profunda depressão. Diâmetro externo de 16,1 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Superfície alisada, do tom da pasta (2.5 YR 6/6). Fig. 6, n.º 25.

26 - N.º de Inv. LOCAS 147/96

Fragmento de bordo, com arranque de colo cilíndrico de ânfora ovóide lusitana. Lábio direito de perfil triangular. Diâmetro externo de 14,6 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Superfície alisada, do tom da pasta (2.5 YR 6/6). Fig. 6, n.º 26.

27 - N.º de Inv. LOCAS 149/96

Fragmento de bordo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil triangular. Diâmetro externo de 14,8 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (10 YR 5/4). Superfície alisada, do tom da pasta (10 YR 5/3). Este bordo apresenta paralelos muito próximos nos materiais publicados da zona luso-galaica (Morais, 2005, p. 37, Fig. 33, n.º 10). Fig. 6, n.º 27.

40 - N.º de Inv. LOCAS 160/96

Fragmento de fundo de ânfora ovóide lusitana (?). Fundo cónico oco, terminando em base arredondada. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (10 YR 5/4). Superfície alisada, do tom da pasta. Fig. 7, n.º 40.

43 - N.º de Inv. LOCAS 152/96

Fragmento de fundo de ânfora ovóide lusitana (?). Fundo cónico oco, terminando em base arredondada com ressalto interno. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (10 YR 5/4). Superfície alisada, do tom da pasta, evidenciando muitas concreções. Fig. 7, n.º 43.

44 - N.º de Inv. LOCAS 151/96

Fragmento de fundo e arranque de bojo de ânfora ovóide lusitana (?). Fundo tronco cónico oco, terminando em base arredondada formando glante. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (7.5 YR 6/4). Superfície alisada, do tom da pasta. Fig. 7, n.º 44.

As Dressel 14 (Classe 20-21; Lusitana 2, Beltrán IVb)

É uma das formas mais abundantemente produzidas nas olarias lusitanas em época imperial, tendo-se identificado os seus centros produtores tanto no vale do Rio Sado como no Tejo e no Algarve. Embora tradicionalmente a sua morfologia fosse tida como uma criação da Bética, importada pelos oleiros lusitanos, os dados do Baixo Sado (Mayet e Silva, 2002) e de Peniche (Cardoso, Rodrigues e Sepúlveda, no prelo) vieram confirmar a sua criação local (Fabião, 2004, p. 403), assumindo-se como o contentor por excelência de exportação de preparados piscícolas lusitanos entre meados do século I d.C. e os inícios do século III.

Tendo em conta os dados disponíveis sobre a importação de ânforas no Castelo de Alcácer do Sal (Silva et al., 1980-1981; Faria, 1998) as Dressel 14 (Classe 20-21; Lusitana 2, Beltrán IVb) são as mais bem documentadas.

No presente conjunto identificámos seis fragmentos de bocais e oito fundos desta forma. Dois fragmentos de fundos apresentam grafitos gravados *ante cocturam* na sua superfície externa. Este tipo de vestígios epigráficos são particularmente comuns sobre este tipo, tanto nas produções do Vale do Tejo (Raposo e Duarte, 1996) como no Vale do Sado (Mayet e Silva, 2002, p. 108-110, Figs. 71 e 73), onde encontramos os paralelos mais próximos para estes grafitos.

A análise macroscópica das pastas dos exemplares em estudo, permitiu definir um único grupo de fabrico. Caracteriza-se por uma pasta dura, compacta e pouco depurada. A cor é vermelho-clara (2.5 YR 6/8) ou castanho-avermelhada (5 YR 5/6). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos de dimensões variáveis predominantemente rolados ou sub-rolados, algumas inclusões negras, escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. As paredes apresentam-se alisadas e do tom da pasta.

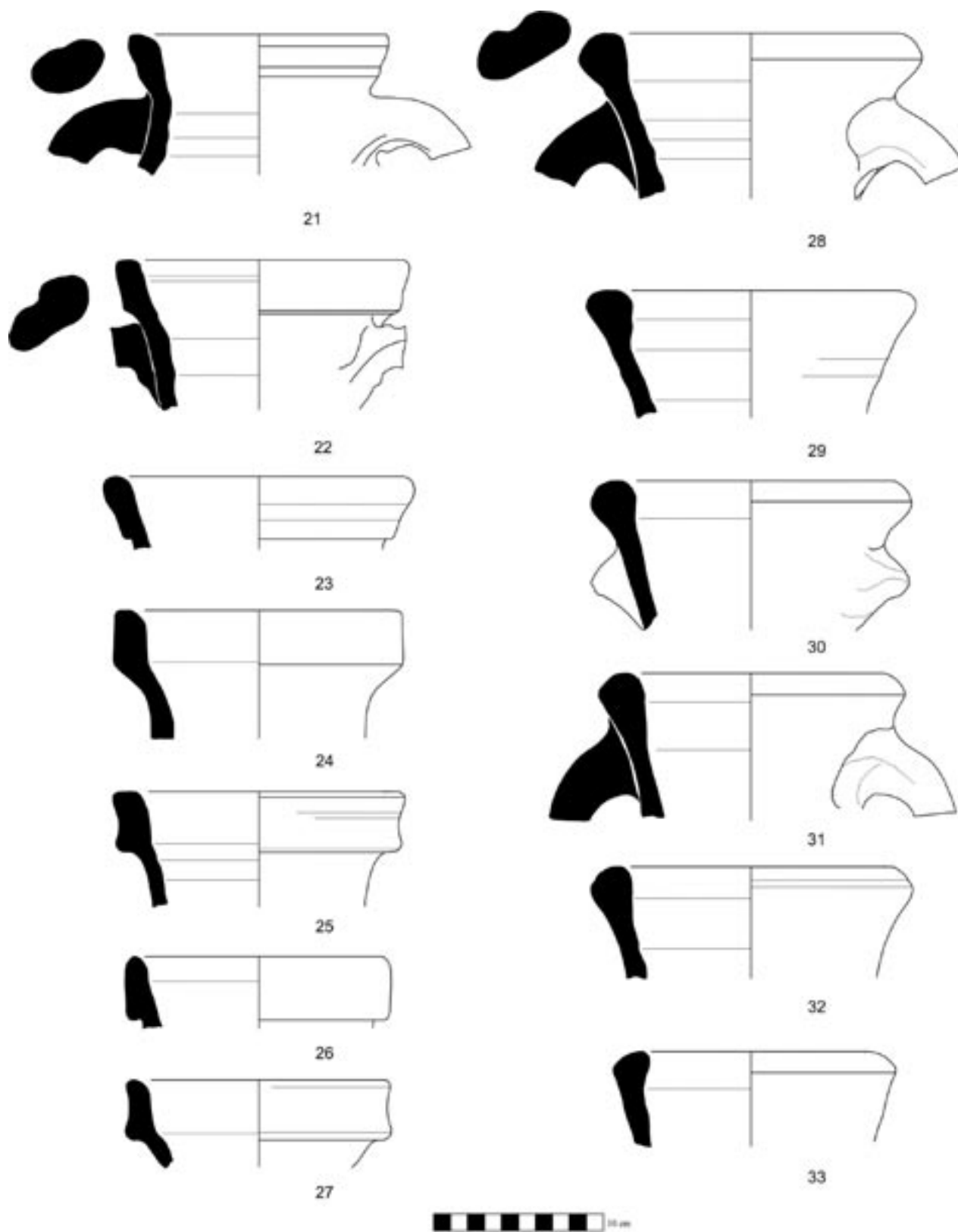


Fig. 6 Ânforas lusitanas.

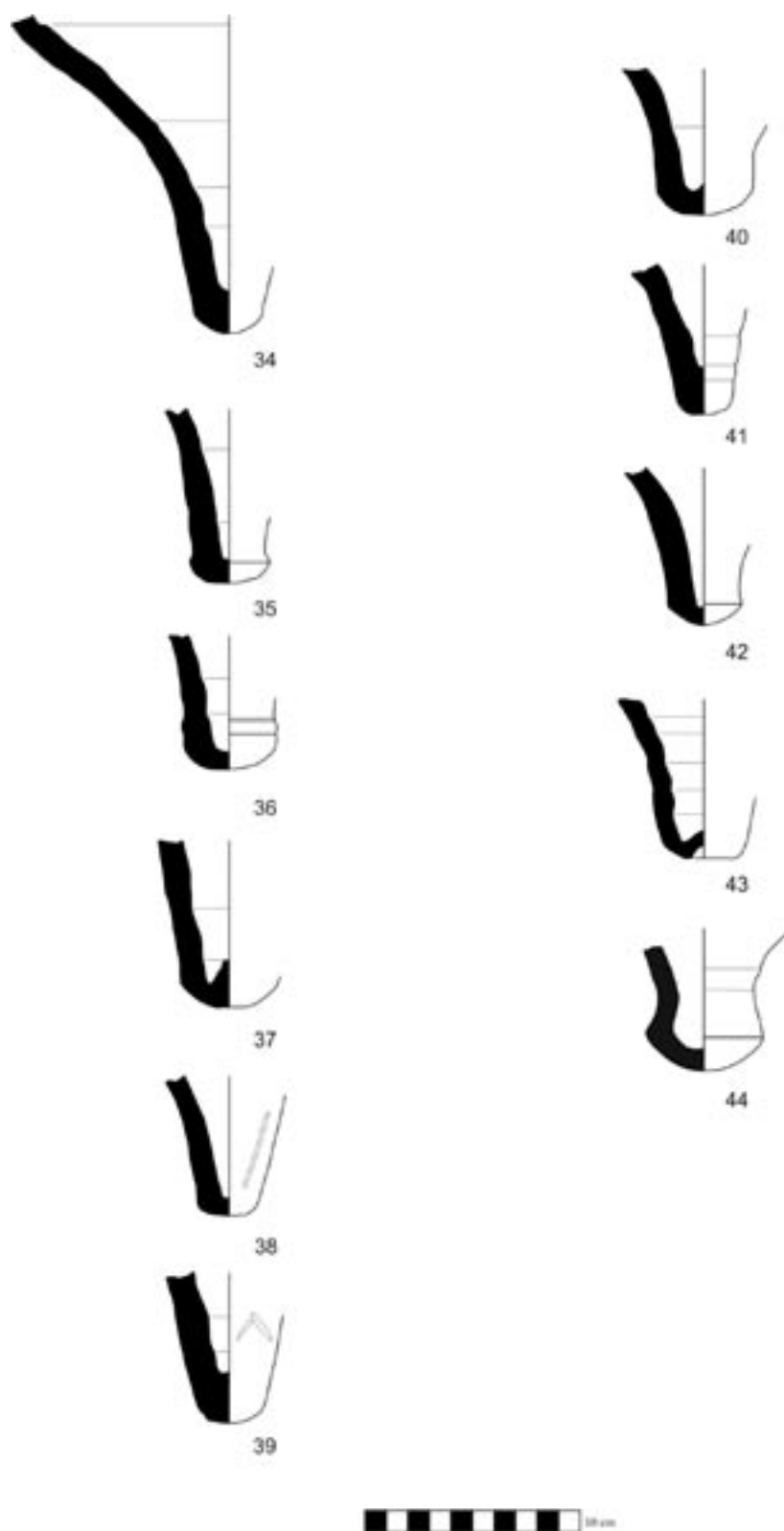


Fig. 7 Ânforas lusitanas.

Catálogo:**28 - N.º de Inv. LOCAS 166/96**

Fragmento de bordo, com arranque de asa de ânfora Dressel 14. Lábio de perfil arredondado com espessamento externo. Diâmetro externo de 17,5 cm. Colo troncocónico com arranque de asa de fita de secção ovóide e sulco longitudinal. Pasta dura, compacta e pouco depurada. Com abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos de dimensões variáveis predominantemente rolados algumas inclusões negras, escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Superfície alisada, do tom da pasta (2.5 YR 6/6). Fig. 6, n.º 28.

29 - N.º de Inv. LOCAS 165/96

Fragmento de bordo de ânfora Dressel 14. Lábio de perfil amendoado com espessamento interno. Diâmetro externo de 18 cm. Arranque de colo marcado com caneluras. Pasta de características idênticas à anterior. Tom castanho-avermelhado (5 YR 5/6). Superfície alisada, de tom castanho-avermelhado claro (5 YR 6/4). Fig. 6, n.º 29.

30 - N.º de Inv. LOCAS 175/96

Fragmento de bordo, com arranque de asa de ânfora Dressel 14. Lábio de perfil arredondado com espessamento externo. Diâmetro externo de 17 cm. Colo troncocónico com arranque de asa de fita de secção ovóide e sulco longitudinal. Pasta de características idênticas à anterior. Tom castanho-avermelhado (5 YR 5/6). A superfície apresenta restos de argamassa branca indicando uma reutilização em alguma construção (10 YR 8/1). Fig. 6, n.º 30.

31 - N.º de Inv. LOCAS 164/96

Fragmento de bordo, com arranque de asa de ânfora Dressel 14. Lábio de perfil arredondado com espessamento externo. Diâmetro externo de 16 cm. Colo troncocónico com arranque de asa de fita de secção ovóide e sulco longitudinal, não é possível representar a secção devido à forma da sua fractura. Pasta de características idênticas à anterior. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Superfície alisada, do tom da pasta (2.5 YR 6/4). Fig. 6, n.º 31.

32 - N.º de Inv. LOCAS 163/96

Fragmento de bordo, com vestígio do arranque de asa de ânfora Dressel 14. Lábio de perfil amendoado com espessamento externo apresentando suaves caneluras sobre a superfície inferior do mesmo. Diâmetro externo de 16,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Superfície alisada, de tom vermelho (10 R 5/6). Fig. 6, n.º 32.

33 - N.º de Inv. LOCAS 162/96

Fragmento de bordo de ânfora Dressel 14. Lábio de perfil amendoado com espessamento interno. Diâmetro externo de 14,5 cm. Arranque de colo troncocónico. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (5 YR 5/6). Superfície em mau estado, alisada, de tom castanho-avermelhado claro (5 YR 6/4). Fig. 6, n.º 33.

34 - N.º de Inv. LOCAS 155/96

Fragmento de fundo, com arranque de bojo ovóide de ânfora Dressel 14. Fundo cónico oco terminando em base arredondada. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). A superfície externa evidencia uma aguada de tom bege (2.5 YR 7/6). Fig. 7, n.º 34.

35 - N.º de Inv. LOCAS 161/96

Fragmento de fundo, com arranque de bojo de ânfora Dressel 14. Fundo troncocónico oco terminando em base arredondada formando uma pequena glande. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho-avermelhado (5 YR 5/4). A superfície externa evidencia uma aguada de tom bege (5 YR 6/4). Fig. 7, n.º 35.

36 - N.º de Inv. LOCAS 153/96

Fragmento de fundo de ânfora Dressel 14. Fundo troncocónico oco terminando em base arredondada destacada por uma canelura. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/8). A superfície externa evidencia uma aguada de tom bege (2.5 YR 7/6). Fig. 7, n.º 36.

37 - N.º de Inv. LOCAS 154/96

Fragmento de fundo de ânfora Dressel 14. Fundo troncocónico oco terminando em base arredondada. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/4). A superfície apresenta-se queimada. Fig. 7, n.º 37.

38 - N.º de Inv. LOCAS 156/96

Fragmento de fundo de ânfora Dressel 14. Fundo troncocónico oco terminando em base arredondada. Apresenta um grafito gravado *ante cocturam* na sua superfície externa. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/4). A superfície apresenta-se alisada, do tom da pasta. Fig. 7, n.º 38.

39 - N.º de Inv. LOCAS 159/96

Fragmento de fundo de ânfora Dressel 14. Fundo troncocónico oco terminando em base arredondada. Apresenta um grafito gravado *ante cocturam* na sua superfície externa. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho claro (2.5 YR 6/6). A superfície apresenta-se alisada, de tom castanho-avermelhado (2.5 YR 6/3). Fig. 7, n.º 39.

41 - N.º de Inv. LOCAS 158/96

Fragmento de fundo de ânfora Dressel 14. Fundo cónico oco, marcado por caneluras, terminando em base arredondada. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/4). Fig. 7, n.º 41.

42 - N.º de Inv. LOCAS 157/96

Fragmento de fundo de ânfora Dressel 14. Fundo cónico oco, terminando em base arredondada. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho-claro (2.5 YR 6/4). Fig. 7, n.º 42.

Sobre as ânforas romanas do Castelo de Alcácer do Sal: o estado da questão

Ainda que os dados disponíveis sobre a circulação de produtos alimentares em ânforas na “acrópole” da antiga *Imperatoria Salacia* não sejam particularmente numerosos, parece-nos oportuno contextualizar o presente trabalho, analisando a totalidade dos materiais publicados (ver gráfico 1).

O conjunto mais significativo continua a ser o publicado pela equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (Silva et al., 1980-1981). Estes investigadores na sequência da apresentação da leitura estratigráfica da área nordeste do planalto da Alcáçova, estudam um conjunto de 151 ânforas romanas, abrangendo desde a época tardo-republicana até meados do século III d.C. Entre esse conjunto sobressaem quantitativamente as ânforas Dressel 14 (Classe 20-21; Lusitana 2, Beltrán IVb), representadas por 124 exemplares.

Recentemente, um dos signatários teve a oportunidade de publicar (Faria, 1998) um pequeno conjunto — quatro bordos e três fundos de ânforas —, exumado durante a escavação de estruturas possivelmente correlacionáveis com o *forum* romano de *Salacia*. Embora recolhidas fora de contexto importa sublinhar igualmente a presença de exemplares das primeiras formas de ânforas Lusitanas de bordo emoldurado (Faria, 1998, Ests. VI e IX).

Tendo em conta estes dois conjuntos, que tentámos sintetizar no gráfico da Fig. 8, acrescentando-lhe os dados do presente estudo, dispomos de uma amostragem de 190 ânforas, tendo em conta a análise do número mínimo de indivíduos, que permitem a nosso ver efectuar algumas breves considerações e hipóteses de trabalho, acerca do ritmo de importações de produtos alimentares em *Salacia*.

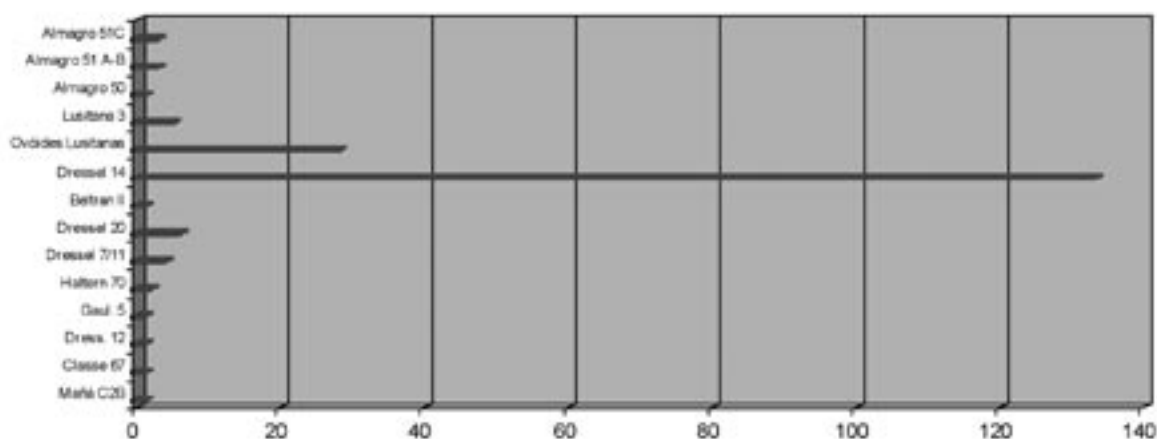


Fig. 8 Tentativa de síntese de dados disponíveis sobre a circulação de produtos alimentares em ânforas na “acrópole” de *Salacia*. (A partir de Silva et al., 1980-1981; Faria, 1998 e dos dados do presente trabalho)..

Numa primeira análise destes dados, e face à ampla diacronia de ocupação do Castelo de Alcácer, sobressai o carácter residual das importações de cronologia republicana, não obstante a existência de um nível dos séculos II-I a.C. e abundantes importações de cerâmicas finas itálicas (Soares, 1978; Silva et al., 1980-1981; Sepúlveda et al., 2001). Esta ausência pode no entanto ser apenas aparente, visto nas escavações do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli serem referidos níveis de “transição para o período romano (século II a I a.C.)” em que se detecta o “...aparecimento da cerâmica campaniense das classes A e B, e da cerâmica anfórica romana republicana.” (Paixão, 2001, p. 165-166).

O auge das importações parece ocorrer em meados do século I/II d.C., tendo os produtos alimentares lusitanos, em especial as ânforas de preparados de peixe, um papel predominante no conjunto disponível. Entre estes, domina claramente o típico contentor individualizado sob a forma 14 de Dressel. A esmagadora presença deste modelo vem sublinhar a importância das indústrias de exploração dos recursos marítimo-fluviais do estuário do Sado em época alto-imperial.

Por último o conjunto das importações exteriores à Lusitânia parece ser constituído pelos produtos béticos. Estes encontram-se bem representados na transição entre o período tardo republicano e alto Imperial.

Pouco mais há a dizer acerca do presente conjunto, resta-nos salientar que a apesar da ausência de qualquer coordenada contextual para o conjunto que analisámos, ele apresenta-se bastante coerente, vindo de acordo aos dados do estudo que temos vindo a realizar acerca do espólio desta intervenção de emergência.

NOTAS

- ¹ Apenas o exemplar LOCAS 136/96, (Fig. 6, n.º 21) denuncia um colo curto e o arranque de um bojo de morfologia ovóide.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1976) - Les amphores. In *Fouilles de Conimbriga VI*. Paris: De Boccard, p. 79-91.
- ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. M. (1966-1967) - Achados da *villa* romana de Cardílio (Torres Novas). *Arquivo de Beja*. Beja. 23-24, p. 292-320.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1999) - As importações de vinho itálico para o território actualmente português contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 307-337.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (2000) - Importação e consumo de vinho bético na colónia romana de *Scallabis* (Santarém, Portugal). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija: Gráficas Sol, p. 703-715.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (no prelo) - Ânforas lusitanas da Alcáçova de Santarém. In *Simpósio Internacional. Produção e comércio de preparados piscícolas durante a proto-história e a época romana no ocidente da Península Ibérica*. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7 a 9 de Maio de 2004.
- CALLENDER, M. H. (1965) - *Roman amphorae. With index of stamps*. London. Oxford.
- CARDOSO, G. (1990) - O forno de ânforas de Muge. In *Les amphores Lusitaniennes Typologie, Production, Commerce. Actes des Journées d'Etudes tenues à Conimbriga les 13 et 14 octobre 1988*. Conimbriga: Museu Monográfico, p. 153-166.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1996) - O contexto oleiro de Muge na produção romana do Médio e Baixo Tejo. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, p. 167-178.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E. (no prelo) - A olaria romana do Morraçal de Peniche. In *Simpósio Internacional. Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica*. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7 a 9 de Maio de 2004.
- CARRERAS, C.; FUNARI, P. P. A. (1998) - *Britannia y el Mediterráneo: estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia*. Barcelona: Universitat.
- CERDÁ I JUAN, D. (2000) - *Les àmfors salseres a les Illes Balears*. Palma: Consell Insular de Mallorca.
- DIOGO, A. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D.; MONTEIRO, A. J. N. (1999) - Ânforas romanas de "Villa Cardílio". Torres Novas. *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 201-214.
- FABIÃO, C. (1993-1994) - O azeite da *Baetica* na *Lusitania*. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 219-245.
- FABIÃO, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitania. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. - *Figlinae Baeticae: talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana, ss. II a.C.-VII d.C.: actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford: John and Erica Hedges Ltd. Vol. 1, p. 379-410.
- FARIA, J. C. (1998) - Algumas notas acerca do provável forum de *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 185-199.

- FUNARI, P. P. A. (1996) - *Dressel 20 inscriptions from Britain and the consumption of Spanish olive oil*. BAR British. Series. 250. Oxford.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (Siglos II A.C. - IV D.C.)*. Écija: Gráficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2000) - La producción de ánforas “romanas” en el sur de Hispania. República y alto Imperio. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae*. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, p. 57-174.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (2001) - *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania romana: II a.C. - VI d.C.* Barcelona: Universitat.
- MANTAS, V. G. (1990) - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine: Hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, le 8-9 décembre 1988)*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique (Collection de la Maison des Pays Ibériques; 42), p. 149-205.
- MANTAS, V. G. (1996b) - Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, p. 343-370.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal. Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (1998) - *L'atelier d'amphores de Pinheiro. Portugal*. Paris: De Boccard.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (2002) - *L'atelier d'amphores d'Abul*. Paris: De Boccard.
- MORAIS, R. (2004) - *Bracara Augusta*: Um pequeno “Testaccio” de ânforas Haltern 70. Considerações e problemáticas de estudo. In BERNAL, D.; LAGÓSTENA, L., eds. - *Figlinae Baeticae: talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana, ss. II a.C.-VII d.C.: actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford: John and Erica Hedges Ltd. Vol. 1, p. 545-565.
- MORAIS, R. (2005) - Problemáticas i noves perspectives sobre les àmfores ovoïdes tardo-republicanes. Les àmfores ovoïdes de producció Lusitana. In *Culip VIII i les àmfores Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 36-40.
- MORAIS, R. (no prelo) - Ânforas tipo Urceus de produção Bética e produções regionais e locais do NW peninsular. Actas del Congreso Internacional de Arqueología, CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Entre 7 e 9 de Novembro de 2005 na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz.
- MORAIS, R.; FABIÃO, C. (no prelo) - Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia, CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Entre 7 e 9 de Novembro de 2005 na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz.
- PAIXÃO, A. C. (2001) - Alcácer do Sal proto-histórica no contexto mediterrânico. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 149-172.
- PEACOCK, D. P.; WILLIAMS, D. F. (1987) - *Amphorae and the Roman economy: an introductory guide*. London: Longman.
- QUARESMA, J. C. (2005) - Ânforas romanas provenientes da pesca de arrasto no Tejo, depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 403-428.
- RAPOSO, J. M.; DUARTE, A. L. (1996) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, p. 249-267.
- SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FARIA, M. (2000) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 119-152.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2001) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: “Cerâmicas de Verniz negro” e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 19, p. 199-234.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2003) - Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 383-399.
- SILVA, C.T. da (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, p. 43-54.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; SOARES, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SOARES, J. (1978) - Nótula sobre cerâmica campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 133-143.